

AS CRIAÇÕES LEXICAIS (@C) COMO ADAPTAÇÕES FONOLÓGICAS NA FALA INFANTIL

Maria de Fátima de Almeida Baia¹
Gláubia Ribeiro Moreira²

RESUMO

Neste estudo, discutimos o termo “criação lexical” proposto por MacWhinney (1991, 2000) para o formato de transcrição CHAT, abordado no trabalho de Secco (1994) e Baia (2010). Após análise dos dados de um estudo de caso de uma criança (M.) adquirindo o português brasileiro, de 9 meses a 2 anos, observamos que o que Secco (1994) e Baia (2010) consideram criações lexicais pode ser explicado como manifestação de alguma rotina fonológica, i.e. *template*, e/ou processo fonológico isolado.

Palavras-chave: *templates*; criação lexical; CHAT

Introdução

Neste trabalho, analisamos o léxico inicial no desenvolvimento do português brasileiro (doravante PB) e sua relação com o sistema fonológico emergente. Estabelecemos tal relação por não ser possível, no nosso entendimento, falar de desenvolvimento fonológico inicial sem considerar o surgimento do que se considera palavra.

Gerken (2009) chama a atenção para o que se considera **protopalavra** e que não pode ser confundido com **palavra inicial**. Protopalavra, segundo a autora, é a produção que se distancia do alvo, geralmente composta por uma ou duas sílabas, e é usada em determinados contextos pela criança para chamar a atenção do adulto, como, por exemplo,

¹ Doutora em Linguística e professora na área de aquisição da linguagem na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: baiamfa.ling@gmail.com.

² Mestranda em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: glaubiaribeiro@gmail.com.

[di], usado para se referir a um objeto específico (GERKEN, 2009, p. 73).³ Se protopalavra é a sequência de sons que, embora carregue uma significação, não tem relação com a combinação de sons da forma-alvo, então esse tipo de produção incluiria as criações lexicais presentes no período inicial (cf. SECCO, 1994; BAIA, 2010). Além disso, para Gerken, palavra inicial é uma sequência de sons próxima à do adulto, como, por exemplo [dæ] para *daddy*, em que os sons presentes na forma-alvo podem ser mantidos na produção da criança ou sofrer alguns processos fonológicos da fala infantil, como a reduplicação de uma sílaba do alvo, metátese, harmonia vocálica, harmonia consonantal ou truncamento.

Logo, partindo da abordagem da autora, é complicado estabelecer o limite entre um tipo de produção e outra, atentando apenas para similaridade fônica entre a produção infantil e a alvo. Isto é, se a protopalavra se distancia da forma-alvo, mas as palavras iniciais podem também sofrer processos fonológicos que distanciam a produção infantil da forma-alvo, como estabelecer a dessemelhança que caracteriza os dois tipos? Por essa razão, outros parâmetros precisam ser levados em consideração para se certificar se o que está sendo analisado pode ser entendido como palavra ou não.

Secco (1994), baseando-se em MacWhinney (2000 [1991]) e o formato *Chat* de transcrição⁴, considera as palavras, que contém significado na fala infantil mas que fogem da forma-alvo, “criações lexicais”⁵. Segundo o autor, as criações lexicais são instáveis, um tipo específico de léxico que não faz parte daquele estabelecido na comunidade linguística em que a criança está inserida. O autor prossegue afirmando que as criações lexicais funcionam como preenchedores de lacunas da fala da criança e que podem fugir da fonotática da língua alvo, pois encontra produções de alguns itens que não seguem o padrão fonotático da língua, como, por exemplo, [km. 'km] “quero” ou “caneta”. Por outro lado, Baia (2010) considera que as criações lexicais podem refletir possibilidades sonoras, que não fogem da fonotática da língua alvo, testadas pelas

³ A autora não diz qual seria o objeto.

⁴ No manual do formato *Chat*, essas produções são descritas da seguinte maneira: *Child-invented forms*: are words created by the child sometimes from other words without obvious derivational morphology. Sometimes they appear to be sound variants of other words. Sometimes their origin is obscure. (MacWHINNEY, 2000, p. 38).

⁵ No formato *Chat* de transcrição *child-invented form @c*.

crianças. Nos dados levantados na pesquisa da autora não houve caso que violasse a fonotática do PB, nem mesmo nos anteriores a 1;8 anos, faixa etária analisada por Secco. Baia também, ao contrário de Secco (1994), não considera as onomatopeias como criações lexicais porque elas são estáveis, isto é, “au-au” e “miau” parecem conservar-se ao longo da aquisição e até após esse período. Todavia, Secco (1994) e Baia (2010), assim como MacWhinney (2000), vão diferenciar o que é chamado de criação lexical, nas suas análises e @c no formato *Chat* de transcrição, de neologismo.

Dessa maneira, seguindo o raciocínio de Secco (1994) e Gerken (2009), as criações lexicais, e.g. qualquer tipo de distorção de palavra no vocabulário infantil, seriam uma protopalavra, o que é repensado no presente estudo.

O que Gerken (2009) considera protopalavra pode ser considerado palavra inicial na perspectiva da *Whole-Word (Templatic) Phonology* (VIHMAN; CROFT, 2007) se houver evidência de que tais produções são fruto da manifestação de um *template* predominante. Dessa maneira, no presente estudo, a classificação entre protopalavra e palavra inicial não é levada em consideração.

Neste estudo, apresentamos uma perspectiva alternativa para explicação do fenômeno das “criações lexicais” na fala infantil. Nossa hipótese é a de que criações lexicais não são invenções na fala infantil, elas são adaptações feitas de acordo com a rotina articulatória da criança no momento. Essas produções não fogem da fonotática da língua alvo e podem ser explicadas como resultado de um *template* operante (VIHMAN e CROFT, 2007). A perspectiva assumida é explicada na próxima seção.

Relação entre criações lexicais e *templates*

A *Whole-Word Phonology* é uma abordagem sobre o desenvolvimento fonológico, a qual tem ganhado apoio gradualmente desde a década de 70 (FERGUSON; FARWELL, 1975; MACKEN, 1979; INGRAM; INGRAM, 2001; VIHMAN; VELLEMAN, 2002; VIHMAN; CROFT, 2007; FIKKERT; LEVELT, 2008;⁶) e tem sido

⁶ O estudo de Fikkert e Levelt (2008) é o único dos citados que parte de uma abordagem simbólica/inatista para explicar o desenvolvimento fonológico. A proposta das autoras parte da combinatória de segmentos de acordo com o ponto de articulação para explicar o desenvolvimento fonológico. Não é, portanto, uma abordagem estritamente holística, mas sim uma proposta que enfatiza a relação entre léxico e fonologia.

assumida por estudos de base inatista, emergentista/dinâmica e funcionalista. No entanto, a maior parte dos estudos que fazem parte do grupo que desenvolve a *Whole-Word Phonology* (WATERSON, 1971; MACKEN, 1979; FERGUSON; FARWELL 1975; INGRAM; INGRAM, 2001; VIHMAN; VELLEMAN, 2002; VIHMAN; CROFT, 2007; KEREN-PORTNOY, 2008), como o presente estudo, é composta por estudos que propõem um modelo cognitivo emergentista.

A *Whole-Word Phonology* teve sua primeira elaboração no estudo de Waterson (1971). A perspectiva teórica passou a ser desenvolvida como uma reação contra estudos dedutivos que partem de modelos propostos para forma-alvo para analisar dados infantis, especificamente contra os estudos focalizados na ordem de aquisição de segmentos por influência de Jakobson (1972), que acomodam dados infantis em um sistema já estabelecido. Com este modelo, veio a primeira tentativa de desenvolver uma teoria de aquisição fonológica indutiva, ou seja, construída a partir da observação dos dados infantis sem ter de antemão uma representação adulta a ser alcançada. Com esse objetivo, Ferguson e Farwell (1975, p. 437), em um dos estudos iniciais do modelo, rejeitam a abordagem dedutiva e defendem um novo caminho, no qual pesquisadores “[...] try to understand children’s phonological development in itself so as to improve our phonological theory, even if this requires new theoretical constructs”. Os autores defendem que as crianças constroem sua própria fonologia, pois diferentes trajetórias de desenvolvimento podem ser encontrados em cada criança; por exemplo, algumas começam produzindo palavras com mais apagamento, outras com mais processos de reduplicação ou harmonia consonantal, etc. O uso dessas diferentes estratégias é responsável pelo léxico inicial idiossincrático encontrado nos dados de aquisição.

Waterson (1987 [1971]) apresenta vantagens do modelo após observar o uso de formas que não tinham relação com o alvo, mas que eram entendidas como determinada palavra por causa do uso em um contexto específico. A autora observa que uma das crianças produziu palavras com palatal nasal inicial, embora tal fonema não ocorra no inglês adulto, exceto quando se trata da produção do encontro consonantal /nj/ (VIHMAN; VELLEMAN, 2002):

Produção infantil	Alvo	Glosa
(1) ['nẽ.nẽ]/ ['ni.ni]	<i>finger</i>	dedo

(2) ['jẽ.jẽ]	<i>window</i>	janela
(3) ['jã.jã]	<i>another</i>	outro
(4) ['jã.jø]	<i>Randall</i>	nome de cabra

(WALTERSON, 1971, p. 179)

As produções dessa criança mostram uma rotina de produção reduplicada sem relação direta com o alvo e a produção de um segmento ausente na forma adulta, que, como Vihman e Velleman (2002) sugerem, está provavelmente relacionado com a articulação desenvolvida no balbucio. A produção dissilábica nasal não é, no entanto, aleatória, pois a criança parte da tentativa de produção de palavra utilizando um padrão sem reproduzir segmento por segmento ou sílaba por sílaba. A permanência do padrão é temporária, pois ele tende a entrar em desuso a partir do momento em que outro é incorporado ou quando aspectos articulatórios do alvo já foram adquiridos e estabilizados.

O que os estudos reportados até então chamam de padrão ou rotina, os estudos de Vihman e Velleman (2002) e Vihman e Croft (2007) chamam de *templates*. A versão da *Whole-Word Phonology* com os *templates* traz uma explicação mais formulada e detalhada do que seriam tais rotinas iniciais e de como e por que se manifestam.

Os *templates* são explicados como modelos sistemáticos que facilitam a expansão do léxico. Trata-se de produções abstratas/fonéticas que integram a palavra ou frase-alvo e padrões vocálicos. *Templates* consistem em uma ou mais estruturas sistemáticas que envolvem posições prosódicas que tendem a ser preenchidas com um repertório segmental limitado. Podem ser entendidos como padrões/rotinas que emergem a partir da forma-alvo e que são frequentemente usados pela criança com base nas formas fonológicas já adquiridas.

De acordo com Vihman e Velleman (2000), *templates* podem ser classificados como **selecionados** ou **adaptados**: o primeiro refere-se às tentativas da criança que estão próximas do alvo adulto, ou seja, derivam diretamente do alvo; o segundo refere-se às adaptações que a criança faz do alvo para satisfazer o padrão presente na sua fala, algum processo fonológico que mude a palavra como um todo (apagamento, assimilação, metátese, etc.), de uma maneira sistemática.

Por mais que os *templates* apresentem as mesmas origens na sua manifestação em diferentes crianças adquirindo diferentes línguas, o mesmo *template* não se manifesta, obrigatoriamente, na fala de todas as crianças. Essa variabilidade encontrada na produção de diferentes crianças não deriva, segundo os autores, do *input* adulto, mas do “filtro” individual que cada criança carrega no processo de aquisição lexical. Embora haja variabilidade, de acordo com os estudos citados, é possível levantar algumas generalizações das características segmentais e prosódicas que tendem a estar presentes na manifestação dos *templates*:

- a. Os *templates* refletem um número limitado de estruturas silábicas que nunca excedem dois núcleos silábicos: CV, VC, CVC, CVCV, CVCVC.
- b. *Clusters* consonantais estão geralmente ausentes.
- c. Os *templates* são construídos a partir de um inventário segmental limitado, geralmente um subgrupo oriundo da língua-alvo. O subgrupo tende a variar de criança para criança e tem influência da continuidade articulatória do balbucio e das primeiras palavras.
- d. A variação consonantal no item lexical é restrita ao modo ou ponto de articulação, não podendo ser nos dois ao mesmo tempo.
- e. Há casos, embora raros, que caracterizam um *template* por meio de uma sequência consonantal específica.

Na literatura brasileira, os estudos sobre *templates* são recentes e poucos, além dos estudos da presente autora, há o estudo de Oliveira-Guimarães (2012) sobre aquisição de alofones. A autora verifica a manifestação de *templates* ao analisar dados de duas crianças (1;9 - 1;11 anos) adquirindo o PB e observa o predomínio de sistematização com dissílabos e reduplicação de sílaba:

Produção infantil	Alvo
(05) [be'be]	Gabriel
(06) [du'du]	Pedro
(07) [be'be]	bebê
(08) [vɔ'vɔ]	vovó

A autora encontra, nos dados do português brasileiro, evidências de *template* caracterizado por assimilação regressiva como em ['papu] 'sapo' e ['pɔpu] 'copo'.

Como identificar uma palavra inicial?

Os seguintes critérios, propostos por Vihman e McCune (1994, p. 522-523), são considerados no julgamento a respeito da produção ser uma palavra ou não:

I. Critério baseado no contexto

- (1) *Contexto determinativo*: um uso pelo menos da palavra ocorre em um contexto que sugere que só pode ser aquela palavra e não outra. Isso é aplicado apenas nas palavras com significados específicos facilmente identificáveis no contexto.
- (2) *Identificação maternal*: a mãe reconhece a palavra pelo menos uma vez como a palavra hipotetizada? A identificação não precisa ser explícita. Ela pode envolver o conhecimento da mãe de uma palavra em particular quando ela prossegue o diálogo com a criança ou rejeita a palavra por ser um erro.
- (3) *Uso múltiplo*: A criança usa a palavra mais de uma vez?
- (4) *Episódios múltiplos*: Há mais de um episódio de uso? Os usos múltiplos são apenas identificados em contextos determinativos e com modelos fonológicos similares em diferentes usos.

II. Critério baseado no modelo da vocalização.

- (5) *Correspondência complexa*: a produção da criança reproduz mais de dois segmentos da forma adulta? Acontece quando a nasalidade é produzida e também quando a segunda consoante é compatível com o modo, mas não o ponto de articulação e vice-versa.
- (6) *Correspondência exata*: há uma produção que até um ouvido não treinado reconheceria como palavra: Quando a criança não omite ou adiciona segmentos.
- (7) *Correspondência prosódica*
 - i. *Para o modelo*: há uma entoação correspondente ao alvo adulto?

ii. *Nas produções*: há uma característica na entoação que se adequa ao significado da palavra e que se repete em outras produções? Quando a criança usa um efeito vocal especial (voz chorosa ou nervosa repetidamente em contextos pragmáticos plausíveis para a mesma palavra).

III. Relação com outras vocalizações

(8) *Palavras imitadas*: a palavra foi imitada uma vez pelo menos? Considere a imitação que foi produzida com um entendimento aparente.

(9) *Invariância*: todas as produções exibem o mesmo modelo fonológico? Identidade fonética (invariância) é avaliada por meio dos princípios utilizados na correspondência complexa e exata.

(10) *Sem usos inapropriados*: as produções ocorrem no contexto que sugere sempre o uso da mesma palavra. A palavra não é considerada quando usada em contextos conflitantes (homonímia) ou fora de contexto plausível (sem um modelo sonoro preferido).

Assim como os autores fizeram, neste estudo, foram consideradas palavras as produções que preenchessem mais de quatro requisitos.

Metodologia e hipótese

A hipótese do presente estudo é a de que criações lexicais são não invenções na fala infantil, elas são adaptações feitas de acordo com a rotina articulatória da criança no momento. Essas produções não fogem da fonotática da língua alvo e podem ser explicadas como resultado de um *template* operante, ou seja, resultado de um padrão fônico sistemático que facilita a expansão do léxico inicial.

Para verificação da hipótese, são analisados dados longitudinais de uma criança do sexo masculino: (1) **M.** 0;9- 2;0⁷, 16 sessões/meses, 242 produções balbuciadas, 1975 *tokens*. Os *tokens* são compostos por produções **selecionadas**, produções de acordo com a forma-alvo, e **adaptadas**, adaptações da forma-alvo. São analisados *tokens* na presente pesquisa, diferentemente dos outros estudos sobre os *templates* que consideram *types*

⁷ Lê-se em 0;9 – 0 anos e 9 meses/ em 2;0 – 2 anos e 0 mês - **Ano; mês. dia.**

(VIHMAN; VELLEMAN, 2002; VIHMAN; CROFT, 2007). Optou-se pela análise de *tokens*, pois se apenas *types* fossem considerados, pistas ou evidências de manifestação de *templates* e diferentes modelos prosódicos poderiam ser excluídos dos dados. Por exemplo, M. apresenta as seguintes produções para a palavra “aranha” em uma mesma sessão (1;6): [a.'bo] [a.'la.nja] [a.'la.na] [a.a.'ã.na] [a.'ã.na] [a.'i.na] [a.'a.na] [a.'i.ã] [a.'da.ja] [a.'ja.ja] [a.'ba.ja] [ma.'ja.na] e todas foram categorizadas pelo transcritor, segundo o formato *chat*, como @c. Além disso, se o critério para a escolha do *type* fosse frequência de ocorrência, mais de um *type* seria escolhido por não ter havido produção que se sobressaiu em relação às demais.

Para ser considerado um *template* operante em uma sessão de dados, ele deve ter se repetido em pelo menos 40% dos dados da sessão. Após mapeamento dos *templates* por sessão, foi feito o levantamento do que foi marcado nas transcrições em formato *Chat* como @c.

Os dados pertencem ao banco de dados *A aquisição do ritmo em Português Brasileiro – Processos de Ancoragem* (SANTOS, 2005). Todos os dados, transcritos auditivamente por uma das autoras deste trabalho com o uso do alfabeto fonético internacional (IPA) e no formato CHAT, contaram com a verificação e julgamento de um foneticista. Houve 90% de concordância entre os dois transcritores, indicando que os dados foram corretamente transcritos. A respeito dos 10% discordantes, após discussão, chegou-se a um acordo sobre a produção.

Análise e discussão

M. apresentou uso de *templates* até 1;4. Os *templates* manifestados foram:

- i. reduplicado (C₁V₁.'C₁V₁ e C₁V₁.'C₁V₂)⁸
- ii. CV

⁸ O número sobrescrito se refere à vogal/consoante produzida e o tipo de reduplicação: a) C₁V₁.'C₁V₁ - mesma consoante e vogal são repetidas na sílaba reduplicada, como em *pipi*, isto é, há **reduplicação total**. Em C₁V₁.'C₁V₂ apenas a consoante é repetida na sílaba seguinte, como em *papi*, isto é, há **reduplicação parcial**.

Como exemplificação, o *template* reduplicado C₁V₁.’C₁V₁ manifestou-se por meio de produções selecionadas e adaptadas, como os dados de M. apresentam:

Produção infantil	Alvo	Tipo de <i>template</i>
(09) [na. 'na]	nanar	selecionado
(10) [ne. 'ne]	nenê	selecionado
(11) [ka. 'ka]	galinha	adaptado
(12) [ta. 'ta]	tchau	adaptado

É importante destacar que todas as produções aqui analisadas como fruto de um *template* adaptado operante foram categorizadas como criação lexical nas transcrições utilizadas neste estudo. Do total de 1975 *tokens* (100%), apenas foram encontrados 137 (7%) casos de palavras categorizadas como criação lexical @c, o que mostra que a categorização de palavras iniciais como criações se trata de um fenômeno não tão amplo quanto o dos *templates* em geral. Desse total de palavras categorizadas como @c, as categorias semânticas, de acordo com o levantamento de Stoel-Gammon (1976), foram em ordem decrescente: nomes próprios > animais > partes e funções do corpo > jogos > qualidades.

A tabela a seguir apresenta a distribuição dos *templates* encontrados por sessão e o número de palavras categorizadas como @c:

	0;9	0;10	0;11	1;0	1;1	1;2	1;3	1;4	1;5	1;6	1;7	1;8	1;9	1;10	1;11	2;0
T ⁹		C ₁ V ₁ .’C ₁ V ₁ C ₁ V ₁ .’C ₁ V ₂	C ₁ V ₁ .’C ₁ V ₁ C ₁ V ₁ .’C ₁ V ₂			CV	CV	C ₁ V ₁ .’C ₁ V ₁ C ₁ V ₁ .’C ₁ V ₂								
@c		14	2	4	15	18	16	22	7	20	6	6	4	3	0	3

Tabela 1: *templates* e @c nas sessões de M.

Como podemos observar na tabela, em todas as sessões nas quais um *template* foi mapeado, houve caso de produção sendo categorizada como @c. Os casos nos quais um

⁹ PP: T: *template*/ @c: **criação lexical** segundo o formato *Chat* de transcrição

template não foi mapeado, mas houve caso de @c, ocorreram devido a processos fonológicos isolados. Por exemplo, a sessão 1;6, na qual foram encontrados 20 casos de @c, foi o caso de M. apresentar as seguintes produções para a palavra “aranha” em uma mesma sessão: [a.'bo] [a.'la.nja] [a.'la.na] [a.a.'ã.na] [a.'ã.na] [a.'i.na] [a.'a.na] [a.'i.ã] [a.'da.ja] [a.'ja.ja] [a.'ba.ja] [ma.'ja.na] e todas foram categorizadas pelo transcritor, segundo o formato *chat*, como @c. Não houve um *template* operante restringido o formato prosódico e segmental da palavra, mas houve diversas tentativas por parte da criança de produzir a palavra “aranha” por meio de processos fonológicos de truncamento, assimilação, substituição, entre outros. As produções fogem da forma-alvo, mas não são palavras inventadas e nem criadas pela criança, são adaptações fonológicas.

A seguir, listamos alguns exemplos de palavras categorizadas como @c que foram produzidas de acordo com o *template* operante na sessão:

Produção infantil	Alvo	(Sessão) <i>template</i>
(13) [go.'go]	brinquedo	(0;10) C ₁ V ₁ .'C ₁ V ₁ e C ₁ V ₁ .'C ₁ V ₂
(14) [pa.'pa]	Karine	(0;11) C ₁ V ₁ .'C ₁ V ₁ e C ₁ V ₁ .'C ₁ V ₂
(15) [ba]	tchau	(1;2) CV
(16) [be]	boneca	(1;3) CV

De acordo com o que foi até então apresentado e de acordo com uma perspectiva holística, as criações lexicais não são criações, elas são distorções e, em geral, não são aleatórias. A criança não inventa uma palavra, ela acomoda os elementos fônicos que consegue produzir muitas vezes de acordo com uma rotina, como o padrão com nasal nos dados do inglês de Waterson (1971) – ['nẽ.nẽ] *window* ‘janela’ e ['nã.nã] *another* ‘outro’ –, e o padrão com labial nos dados do norueguês de Garmann (2011) – [pi:fæ] *spise* ‘comer’ e [pusæ:æ] *pose* ‘bolsa’¹⁰. Dessa maneira, o que nos dados que Secco (1994) e Baia (2010) consideram criações lexicais podem ser explicadas como manifestação de alguma rotina fonológica ou processo fonológico isolado. Por mais que os dados de criação lexical reportados por Baia (2010) como ['ka.ke] para ‘cachorro’ e [pi.'pi] para ‘pássaro’ pareçam não apresentar nenhuma relação com o alvo, a relação não é aleatória.

¹⁰ Os exemplos sem marcação de acento na transcrição reproduzem o que está nos trabalhos citados.

Por trás das “criações lexicais”, há uma rotina de organização que auxilia a criança na tarefa de desenvolvimento fonológico e expansão lexical. Isso significa que as palavras são criadas para preencher o *template* que está sendo usado no momento, como foi observado na sessão 0;10 de M., na qual palavras adaptadas foram produzidas de acordo com o *template* C₁V₁.’C₁V₁ e C₁V₁.’C₁V₂. Em geral, essas produções são norteadas por padrões sistemáticos, isto é, *templates* que facilitam a expansão do léxico ou processos fonológicos isolados. O norteamto é observado porque essas produções tendem a ser produzidas de acordo com o que se espera no período de desenvolvimento analisado no que se refere ao tamanho de palavra, à posição acentual e à estrutura silábica.

Considerações finais

Neste estudo questionamos o termo “criação lexical”, a categorização @c, para produções iniciais no formato *Chat* de transcrição (MacWhinney, 2000) e nos estudos de Secco (1994) e Baia (2010). Mostramos a relação entre o que é categorizado como @c e as rotinas articulatórias de expansão lexical, i.e. *templates*. Observamos casos de adaptações, que seriam categorizadas como “criações lexicais”, e foram predominantes nos dados de M. até 1;4, momento a partir do qual não houve mais *templates* manifestados. Além disso, as produções analisadas seguiram o padrão fônico do *template* operante em mais de 50% dos casos.

Referência

- BAIA, M.F.A. *Formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro: uma questão de metodologia?* São Paulo: Edição Premiada FFLCH/USP, 2010.
- FERGUSON, C. A.; FARWELL, C. B. Words and sounds in early language acquisition. *Language* 51, p. 419-439, 1975.
- FIKKERT, P.; LEVELT, C.C. How does place fall into place? The lexicon and emergent constraints in the developing phonological grammar. In: AVERY, P.; DRESHER, E.; RICE, K. (eds.), *Contrast in phonology: Theory, Perception, Acquisition*. Berlin: Mouton, 2008. p. 231–268.
- GERKEN, L. *Language development*. Arizona: Plural Publishing, 2009.

INGRAM, D.; INGRAM, K. D. A Whole-Word Approach to Phonological Analysis and Intervention. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*, vol. 32, p. 271-283, 2001.

JAKOBSON, R. *Child language, aphasia and phonological universals*. Paris: Mouton, 1972 [1968].

MACKEN, M. Developmental reorganization of phonology: a hierarchy of basic units of acquisition. *Lingua* 49, p. 11-49, 1979.

MACWHINNEY, B. *The CHILDES project: tools for analyzing talk*. Volume 1: transcriptions and programs. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000

OLIVEIRA-GUIMARÃES, D. Beyond early words: word template development in Brazilian Portuguese. IN VIHMAN, M.; KEREN-PORTNOY, T. (org.) *The emergence of Phonology: Whole-Word approaches, cross-linguistic evidence*, 2012.

SANTOS, R.S. *A Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro. Projeto USP, 2005.*
SECCO, G. *Criações lexicais em uma criança de 20 meses de idade*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1994.

STOEL-GAMMON, C. Baby talk in Brazilian Portuguese” IN *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 3, nº1, 22-26, 1976.

VIHMAN, M. M.; McCUNE, L. When is a word a word?” in *Journal of Child Language*, 21, 517-542, 1994.

VIHMAN, M.M.; VELLEMAN, S. L. Phonetics and the origins of phonology. In: ed. BURTON-ROBERTS, N.; CARR, P.; DOCHERTY, G. *Phonological knowledge: its nature and status*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 305-339

VIHMAN, M.M.; VELLEMAN, S. L. Whole-Word Phonology and Templates: Trap, Bootstrap, or Some of Each? *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*. Vol. 33, p. 9-23, 2002.

VIHMAN, M.; CROFT, W. Phonological development toward a “radical” templatic phonology. *Linguistics*. 45-4, p. 683-725, 2007.

WATERSON, N. Child phonology: a prosodic view. *Journal of Linguistics*, 7, 179-211, 1971. Publicado novamente em WALTERSON, N. *Prosodic Phonology: The theory and its application to language acquisition and speech processing*. Newcastle upon Tyne: Grevatt & Grevatt, 1987.

CHILD-INVENTED FORMS (@C) AS PHONOLOGICAL ADAPTATIONS IN CHILD LANGUAGE

ABSTRACT

In this study, we discuss the term *child-invented form* proposed by MacWhinney (2000 [1991]) for the CHAT transcription format and approached by Secco (1994) and Baia (2010). After analyzing data from a case study of a child (M.) acquiring Brazilian Portuguese as his first language from 10 months to 2 years, we observe that what Secco (1994) and Baia (2010) consider as a child-invented form should be explained as the manifestation of a phonological routine, i.e. *template*, and/or isolated phonological process.

Keywords: *templates*; child-invented form; CHAT

Recebido em 15/02/2017.

Aprovado em 13/05/2017.